

Florence Nightingale racista? Sua história e contribuição para o racismo na enfermagem

Florence Nightingale racist? Its history and contribution to racism in nursing

Esthéfane Mayara Ribeiro Ruela¹, Ariana Fidelis²,
Jaiane de Melo Vilanova³, Iel Marciano de Moraes Filho⁴

Resumo

Objetivou refletir sobre a contribuição de Florence Nightingale, através de sua história, para o racismo na enfermagem. Este estudo teórico-reflexivo utilizou 37 fontes, como livros, artigos e *websites*, sem delimitação temporal específica. Desta forma, Florence Nightingale, conhecida como a precursora da enfermagem, desempenhou um papel fundamental no avanço das práticas da profissão, contribuindo significativamente para seu desenvolvimento e sua modernização. No entanto, é crucial reconhecer que sua trajetória também está marcada por práticas racistas. É necessário trazer à tona aspectos menos mencionados de sua história, como sua crença no colonialismo britânico, a exaltação da cultura branca e a visão de que negros e indígenas eram raças inferiores, responsabilizando-os pelas próprias mortes por serem considerados “um povo em decadência”. Além disso, durante o recrutamento de voluntárias para ajudar os feridos na Guerra da Crimeia, Florence rejeitou Mary Jane Seacole, uma mulher negra altamente qualificada, exclusivamente por questões de cor, e que mais tarde não serão aceitas também nas escolas com seu padrão de ensino, contribuindo assim para a perpetuação do racismo que, ainda hoje, é evidenciado pela disparidade nos cargos de importância e no quantitativo de profissionais negros na enfermagem. Essas reflexões buscam incentivar os enfermeiros a investigar novas abordagens que promovam posicionamentos mais inclusivos na profissão, reconhecendo que o racismo exerceu(ce) influência na história da enfermagem.

Palavras-chave: Racismo; Enfermagem; História; Florence Nightingale.

¹ Egressa do curso de Enfermagem da Universidade Paulista (UNIP), *Campus* Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. *E-mail:* esthefane.rmr@gmail.com

² Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Goiânia, Goiás, Brasil. Professora do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Goiânia, Goiás, Brasil. *E-mail:* arianafidelis.a@gmail.com

³ Mestra em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil. Professora do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Balsas, Maranhão, Brasil. *E-mail:* jai_vilanova@hotmail.com

⁴ Doutor em Ciências Ambientais pela Universidade Evangélica de Goiás (UniEvangélica), Anápolis, Goiás, Brasil. Professor do curso de Enfermagem da Universidade Paulista (UNIP), *Campus* Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. *E-mail:* ielfilho@yahoo.com.br

Abstract

The objective was to reflect on Florence Nightingale's contribution, through her history, to racism in nursing. This theoretical-reflective study utilized 37 sources, including books, articles, and websites, without a specific temporal delimitation. Thus, Florence Nightingale, known as the pioneer of nursing, played a fundamental role in advancing nursing practices, significantly contributing to their development and modernization. However, it is crucial to acknowledge that her trajectory is also marked by racist practices. It is necessary to highlight less mentioned aspects of her history, such as her belief in British colonialism, the exaltation of white culture, and the perception that Black and Indigenous peoples were inferior races, often blaming them for their own deaths due to being considered "a declining people". Moreover, during the recruitment of volunteers to assist the wounded in the Crimean War, Florence rejected Mary Jane Seacole, a highly qualified Black woman, solely due to her race. Later, individuals with her educational standards were also not accepted into schools, thus contributing to the perpetuation of racism, which is still evident today in the disparity of important positions and the number of Black professionals in nursing. These reflections aim to encourage nurses to explore new approaches that promote more inclusive stances in the profession, recognizing that racism has exerted (and continues to exert) influence on the history of nursing.

Keywords: Racism; Nursing; History; Florence Nightingale.

Introdução

Florence Nightingale, renomada pioneira da enfermagem e fundadora da enfermagem moderna, nasceu em Florença, na Itália, em 12 de maio de 1820, no século XIX, uma época em que a maioria das mulheres não tinha acesso à educação formal. Vinda de uma família de elevada posição social, sua criação foi fortemente influenciada pelos valores da sociedade em que estava inserida. Seu pai, um milionário proprietário de terras, garantiu que ela recebesse uma educação de alta qualidade, incluindo o aprendizado de línguas estrangeiras como italiano, francês e alemão (Morris, 2023).

Ela foi aluna do King's College de Londres e teve sua vocação para a enfermagem despertada durante uma viagem ao Egito, onde visitou hospitais, mesmo sendo essa uma profissão pouco valorizada na época. De volta à Inglaterra, dividiu seu tempo entre aulas de anatomia e visitas ao hospital do distrito, e em 1851 viajou para a Alemanha para estudar na Escola de Enfermagem Fliedner, onde teve sua primeira experiência profissional ao lado de religiosas protestantes em Kaiserswerth (Morris, 2023; Silva *et al.*, 2007).

A trajetória de Florence Nightingale foi perpetuada através da cultura branca. Defendia o colonialismo britânico, mesmo sabendo das diversas mortes e destruição causadas. Acreditava que as vidas indígenas perdidas eram o preço a pagar pelo colonialismo britânico. Assentia que negros e indígenas deveriam ser colonizados à força por serem considerados raças inferiores, e que as mortes que ocorriam eram causadas por eles mesmos, por serem um povo em decadência (Florence [...], 1914).

No ano de 1854, ao decidir ajudar os feridos na Guerra da Crimeia, Florence Nightingale recrutou voluntárias que deveriam seguir um padrão imposto pelo colonialismo (Santos *et al.*, 2023). Uma das voluntárias rejeitadas "negra" por destoar deste padrão branco foi Mary Jane Seacole, conhecida por muitos combatentes de guerra como "Mãe Seacole", pela sua cor e por Florence Nightingale acreditar ser inferior mesmo tendo experiência (Santos *et al.*, 2023; Sleeth, 2018; Smith, 2021).

Logo, é inerente destacar que Florence Nightingale não é considerada uma figura racializada porque nasceu e viveu em um contexto europeu, sendo identificada como uma mulher branca de ascendência britânica. O conceito de racialização

está relacionado ao processo social e histórico de atribuir significados raciais a indivíduos ou grupos, frequentemente em contextos de discriminação e exclusão baseados em raça ou etnia. No caso de Florence Nightingale, sua posição como mulher branca de classe alta no século XIX a colocou em uma posição de privilégio social e racial, distinta das mulheres racializadas, como negras e indígenas, que frequentemente enfrentavam invisibilização histórica e barreiras sistêmicas (Araujo; Silva, 2020; Morris, 2023; Silva *et al.*, 2007).

No caso, como mencionado em relatos históricos, seus ideais pautavam-se no racismo, pois ela era a favor da cultura branca, corroborando os ideais do colonialismo britânico, trazendo isso para a sua prática profissional e, logo, para os seus critérios de seleção (Gibson, 2021).

Mas esses feitos não tiraram o seu brilho e nem a desmereceram perante a história da enfermagem e da arte do cuidar, pois ela é aclamada como a fundadora da enfermagem moderna e sua contribuição para a profissão é imensurável. Ela representa a combinação do conhecimento científico com o cuidado humanizado, destacando a importância da higiene e da prevenção de doenças, como demonstrado em sua atuação profissional durante a Guerra da Crimeia, onde suas práticas reduziram drasticamente as taxas de mortalidade (Moraes Filho; Tavares, 2024; Silva *et al.*, 2007).

Além de fundar a primeira escola formal de enfermagem, profissionalizando a área, Florence Nightingale também promoveu a liderança e a autonomia dos enfermeiros, consolidando o papel desses profissionais como agentes de mudança nos sistemas de saúde. Sua abordagem holística e sua teoria denominada Ambientalista, que considera aspectos físicos, emocionais e ambientais, inspirou teorias e modelos de prática, reforçando a enfermagem como uma ciência e uma arte voltada para a dignidade e o bem-estar humano (Moraes Filho; Tavares, 2024).

Assim, questiona-se: a influência de Florence Nightingale na profissão de enfermagem é inegável, mas é possível afirmar que ela era racista e que seus feitos refletem na enfermagem contemporânea?

Tendo em vista o exposto, este é um estudo teórico-reflexivo. Para a presente reflexão, foram selecionadas 37 fontes de dados, incluindo livros, artigos e *websites* sem uma delimitação temporal específica. A seleção dessas fontes foi baseada na relevância e na contribuição que oferecem para a discussão sobre a influência de Florence Nightingale no racismo dentro da enfermagem. Logo, este artigo tem por objetivo refletir sobre a contribuição de Florence Nightingale, através de sua história, para o racismo na enfermagem.

Características racistas na vida e na atuação profissional de Florence Nightingale

Florence Nightingale nasceu em Florença, na Itália, em 12 de maio de 1820. Desde sua adolescência, ela demonstrava um forte anseio de ajudar. Oriunda de família milionária, teve a melhor educação e, conforme os costumes da época em que vivia, deveria se casar e cuidar do seu lar. Todavia, Florence Nightingale decidiu cuidar dos enfermos, pois acreditava ser uma forma de atender ao seu chamado divino. Em sua carreira, contribuiu significativamente para a enfermagem, introduzindo concepções de sanitarismo, ajudando no combate a infecções e impulsionando o avanço da enfermagem moderna (Morris, 2023).

No entanto, precisou persuadir sua família para seguir esse caminho, o que levou um considerável tempo, visto que os planos de seus pais eram outros (Hallett, 2021). Para Florence Nightingale, a enfermagem era uma ocupação respeitável e uma alternativa contra as tradições de casamento e maternidade para mulheres brancas de classe média. Sua escolha teve um grande impacto em todas as mulheres que decidiram se tornar enfermeiras, já que suas realidades, aspirações e identidades foram impactadas pelas distinções sociais do século XIX (D'Antonio, 2022).

Porém esta decisão de cuidar dos enfermos não foi apenas por bondade, mas também por uma profunda convicção de que seu serviço ajudaria na melhoria das condições de saúde pública da época (Bostridge, 2009).

Após visitar alguns hospitais em uma viagem ao Egito, seu anseio por cuidar de pessoas foi estimulado (Soares, 2017). Durante seus 16 anos de vida, lutou contra a opinião de sua família para se tornar enfermeira, visto que, na época, as mulheres deveriam se casar e cuidar da família. Neste período, ocorreu a Guerra da Crimeia. Esta guerra foi caracterizada por um conflito entre a Inglaterra, a França e a Turquia contra a Rússia, impulsionado pela ambição russa de expandir seu território, para ter domínio sobre a Crimeia, região localizada entre a Rússia e a Ucrânia.

Na qual, recebeu o convite do Secretário de Guerra britânico, Sidney Herbert, para liderar uma equipe de enfermeiras para melhorar as condições de saúde dos soldados feridos. Florence Nightingale aceitou o convite e partiu para a Turquia em 1854 com um grupo de 38 enfermeiras treinadas por ela.

Entretanto, nem todas as mulheres que estavam dispostas a auxiliar os feridos eram aceitas, e sua admissão, posteriormente, estava condicionada à sua entrada nas escolas de enfermagem, pois sua acessão muitas das vezes estava atrelada ao padrão preconcebido encontrado no imaginário da população branca racista da época, que era o modelo europeu da sociedade. Isso evidencia as barreiras e preconceitos existentes, onde características como raça e origem influenciavam a aceitação ou rejeição de voluntárias para participar desse importante esforço humanitário (Santos *et al.*, 2023).

Contudo, Florence Nightingale também era defensora deste colonialismo e, mesmo ciente das mortes causadas, aconselhou várias figuras políticas importantes, pois acreditava que a cultura britânica deveria ser imposta (Florence [...], 1914; Fonseca, 2020). Supunha que cada sociedade que se constituiu teve que sacrificar grandes proporções de sua geração anterior para se adaptar às novas condições de vida resultantes do simples fato da mudança (Orwell, 1999).

Florence Nightingale acreditava, por exemplo, que os indígenas tinham tradições consideradas ofensivas à “limpeza” da teoria vitoriana britânica, que sustentava a supremacia britânica e era

um pilar da saúde pública até o final do século XIX. Essa teoria, de fato, era uma arma política utilizada para eliminar as tradições de saúde e bem-estar indígenas, rotulando como impuras quaisquer práticas não britânicas ou não cristãs. Por não ter um viés cristão, Florence Nightingale jamais respaldou práticas de saúde indígenas, pois não se alinhavam com valores cristãos (Florence [...], 1914).

Uma das voluntárias rejeitadas foi Mary Jane Seacole, conhecida por muitos combatentes de guerra como “Mãe Seacole”. Nascida na cidade de Kingston, Jamaica, no dia 23 de novembro de 1805, Mary aprendeu medicina alternativa com sua mãe desde jovem. Viajava frequentemente com seu pai, um oficial escocês, adquirindo conhecimentos africanos e caribenhos sobre medicamentos fitoterápicos e enfermagem (Santos *et al.*, 2023; Sleeth, 2018; Smith, 2021).

Mary Jane Seacole se destacou por tratar pacientes com cólera e febre amarela, mas foi rejeitada por Florence Nightingale e pelos oficiais britânicos, apesar de seu vasto conhecimento e experiência, sendo essa rejeição atribuída ao racismo (Smith, 2021). Mesmo com educação de qualidade e um histórico impressionante em cuidados, Mary não foi aceita como voluntária na guerra por ser negra (Gibson, 2021).

Florence Nightingale afirmava que “poucas pessoas da raça humana têm um nível de civilização mais baixo” do que os povos indígenas, evidenciando seu racismo (Nichols *et al.*, 2023). Seu trabalho durante a Guerra da Crimeia, sobretudo na base do Exército Britânico em Scutari (atualmente Üsküdar, na Turquia), onde ela implementou reformas sanitárias e de cuidados médicos, ganhou reconhecimento mundial e estabeleceu sua reputação como uma pioneira da enfermagem moderna (Santos *et al.*, 2023). Mas devido às ações cometidas contra os povos indígenas da Nova Zelândia, suas declarações receberam o nome de “Legado perigoso” (Morris, 2023).

Em 1859, com base em suas experiências nesta guerra, publicou o livro “Notas sobre questões que afetam a saúde, eficiência e Administração Hospitalar do Exército Britânico”, uma obra

com mais de 800 páginas. A publicação resultou na criação da Comissão Real de Saúde do Exército e difundiu a Teoria Ambientalista, que afirma que todas as condições e influências externas afetam a vida e o desenvolvimento do organismo, podendo prevenir, suprimir, ou contribuir para a doença e a morte (Medeiros *et al.*, 2015).

A partir desse feito, organização, higienização e administração passaram a ser pontos estabelecidos no cuidado de Florence Nightingale aos pacientes, marcando um ponto de virada na história da enfermagem, que até então prestava cuidados de forma mais simples e fundamentados em conceitos religiosos, restritos à administração de medicamentos e emplastros (Costa *et al.*, 2009).

A Guerra da Crimeia foi palco para a transição da enfermagem antiga para a moderna e para a criação das primeiras escolas de enfermagem. Estas instituições aderiram ao modelo profissional anglo-americano (1820-1910) proposto por Florence Nightingale, aceitando mulheres religiosas com boa formação e bem-vistas pela sociedade. Esse modelo excluía mulheres negras, que eram estereotipadas como incapazes e associadas a doenças (Santos *et al.*, 2023).

Mas ao longo da história, os negros criaram mais de 200 hospitais e centros de treinamento para enfermagem, sustentando e promovendo os cuidados de saúde na comunidade negra, apesar do racismo estrutural (Hine, 1989).

As enfermeiras afrodescendentes enfrentaram preconceito e racismo, mas optaram por serem altruístas e se dedicar à sociedade, desafiando as expectativas sociais e assumindo a responsabilidade de zelar pela saúde da população (Hine, 1989).

Apesar de tudo, seu papel no avanço da enfermagem é inegável. Suas práticas inovadoras de cuidado contribuíram para a evolução da enfermagem atual, com ênfase na criação de um ambiente adequado para a recuperação dos pacientes. Suas iniciativas resultaram na criação das primeiras escolas de enfermagem de caráter moderno, influenciando positivamente os cuidados de saúde que permanecem até os dias atuais (D'Antonio, 2022; Nichols *et al.*, 2023; Santos *et al.*, 2023).

O legado racista de Florence Nightingale

O surgimento das ciências naturais difundiu a ideia de que a superioridade política e econômica dos europeus era atribuída à sua herança genética e ao ambiente físico favorável. Isso levava à crença de que os europeus do norte eram superiores devido ao clima favorável, enquanto os povos dos trópicos eram considerados inferiores e incapazes de progredir nos aspectos políticos, sociais e econômicos. O racismo, inicialmente uma teoria pseudo-científica que afirmava a inferioridade inata e permanente das pessoas não brancas, transformou-se em uma doutrina influente, que era o contexto do século XIX vivenciado por Florence Nightingale (Rangel, 2015).

De acordo com o Ministério Público do Estado do Paraná (MPPR), “O racismo em sentido estrito consiste em qualquer teoria, doutrina, ideologia ou conjunto de ideias que enunciam um vínculo causal entre as características fenotípicas ou genotípicas de indivíduos ou grupos e seus traços intelectuais, culturais e de personalidade, inclusive o falso conceito de superioridade racial” (Paraná, [2024]).

Mas quando se trata de investigações históricas, como as que analisam atitudes e condições históricas relacionadas a Florence Nightingale, o racismo assume uma definição específica. Refere-se a práticas, ideologias e estruturas que perpetuam a discriminação e a opressão com base em diferenças raciais ou étnicas. Esse racismo pode se manifestar de diversas formas: institucional, através de leis e políticas que favorecem determinados grupos raciais; científica, com teorias que justificam desigualdades; cultural, ao impor a superioridade de uma cultura sobre outras; e cotidiana, por meio de estereótipos e preconceitos nas interações diárias. Nas investigações históricas, essas manifestações são analisadas em seu contexto, para compreender como foram construídas, legitimadas e contestadas ao longo do tempo (Frederickson, 2002).

Logo a trajetória dos negros tem sido marcada por séculos de preconceito, em que seus corpos foram objetificados e explorados. O higienismo e

a cultura do branqueamento foram elementos que contribuíram para o sofrimento de toda uma raça. Essas ideologias resultaram em restrições ao acesso à assistência e a negação do acesso a locais que ofereciam conhecimento, baseadas na consideração injusta de inferioridade atribuída aos negros, assim como aos indígenas, apesar de a população indígena e a afrodescendente possuírem seus próprios meios de assistência contra doenças por meio de seus conhecimentos tradicionais. Essa história de discriminação e negação de direitos ressalta a necessidade contínua de lutar contra o racismo e trabalhar para garantir igualdade de oportunidades e respeito a todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica, que se perpetua atualmente (Rocha, 2023; Stake-Doucet, 2020).

Neste contexto, o racismo, o preconceito e as desigualdades existentes na época de Florence Nightingale ainda persistem na sociedade contemporânea e é evidente que continuam a influenciar diversos aspectos da vida contemporânea, incluindo a distribuição de cargos de destaque, o acesso à saúde e a prevalência de níveis de pobreza (Rocha, 2023). Portanto a conscientização sobre essas questões, aliada a esforços contínuos para promover a diversidade, a inclusão e a justiça social, é essencial para lidar com origens profundas dessas desigualdades para que se possa progredir em direção a uma sociedade mais justa e equitativa.

Todavia, é inegável a presença do racismo e preconceito ao longo da trajetória de Florence Nightingale, resultando em sofrimento para toda uma comunidade. E é sempre uma boa prática examinar criticamente figuras históricas e suas ações, levando em consideração o contexto social e cultural de sua época, como atitudes em relação à raça e etnia, que evoluíram ao longo dos anos.

Essa realidade ainda se reflete na enfermagem contemporânea, onde o racismo interpessoal e institucional persiste, demandando esforços contínuos para ser combatido. Infelizmente, muitas vezes, essas formas de discriminação são percebidas de maneira velada, destacando a necessidade urgente de abordar e erradicar tais práticas (Nichols *et al.*, 2023).

No que se refere ao Brasil, a organização da Enfermagem na Sociedade Brasileira começa no período colonial e vai até o final do século XIX. A profissão surge como uma simples prestação de cuidados aos doentes, realizada por um grupo formado, em sua maioria, por escravos, que nesta época trabalhavam nos domicílios. Desde o princípio da colonização foi incluída a abertura das Santas Casas de Misericórdia, que tiveram origem em Portugal (Brêtas, 1994).

Já a enfermagem moderna começou a se estruturar no século XX, influenciada pelo modelo de Florence Nightingale através da missão de Ethel Parsons, enfermeira norte-americana, responsável pela criação da Escola de Enfermagem Anna Nery, em 1923, que estabeleceu os padrões para a formação de enfermeiros no país. Para serem admitidas na escola as candidatas deveriam ser de boa família, religiosas, de caráter ilibado, dotadas de cultura social, boa postura na sociedade, que pertencessem à alta classe urbana e possuir formação educacional em escola normal, ou seja, professoras primárias, o que de certa forma favorecia as mulheres brancas, um padrão altamente rígido de seleção que desfavorecia as candidatas negras (Santos *et al.*, 2023).

Além do mais as candidatas negras eram frequentemente consideradas ignorantes e incapazes, desta forma enfrentavam preconceitos que as desqualificavam de forma sistemática, motivação que somava aos pretextos que eram utilizados para as desqualificar de forma natural. Mas elas romperam este estereótipo da “Enfermeira Padrão”, pois, nesse período, as demandas de saúde eram urgentes, refletindo as mudanças sociais e as pressões práticas relacionadas à expansão do sistema de saúde e ao enfrentamento de epidemias, como a tuberculose e outras doenças infecciosas, que exigiam um número considerável de profissionais qualificados (Santos *et al.*, 2023). Assim, magicamente passaram a serem aptas!

Destarte, a enfermagem no Brasil conforme a resolução do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) nº 747, de 01 de abril de 2024, em seu artigo 5º esclarece que os profissionais de Enfermagem

são registrados em três quadros distintos: o Quadro I é destinado aos Enfermeiros e Obstetizes, o Quadro II aos Técnicos de Enfermagem e o Quadro III aos Auxiliares de Enfermagem e às Parteiras. Essa separação garante que cada categoria profissional seja identificada de forma única e organizada (Cofen, 2024).

Desta forma, há reflexos das raízes preconceituosas e racistas que reverberam na atualidade, onde no Brasil a maior parte da equipe de enfermagem com postos menos favorecidos, como os técnicos e auxiliares de enfermagem, são compostos por negros, se aproximando de 61% dos profissionais. Logo, os negros (pretos e pardos) que são enfermeiros, correspondem a cerca de 45,7%, enquanto brancos são aproximadamente 54%, o que evidencia a disparidade, visto que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, cerca de 56% da população brasileira se considerava negra (Flynn, 2021; FCP, [2011]; Prudente, 2020; Rocha, 2023).

Ademais, outro dado que também demonstra a realidade brasileira retrata que há uma marcante disparidade na composição demográfica dos profissionais de enfermagem, sendo que a maioria são mulheres, dentre as quais 57,9% são predominantemente enfermeiras brancas e 57,4% são técnicas e auxiliares de enfermagem negras. É crucial salientar que, em determinados setores públicos do Brasil, 4,4% das técnicas e auxiliares de enfermagem recebem salários inferiores a R\$ 680,00, e 1,8% enfrentam jornadas de trabalho superiores a 80 horas semanais (Soares, 2023).

Mas esta realidade não é só em nível brasileiro; por exemplo, nos Estados Unidos da América (EUA) a discrepância racial também é evidente, onde a minoria dos profissionais de enfermagem se identifica como negros, sendo que, se comparados com os enfermeiros brancos, os negros têm mais qualificações, como mestrado e doutorado, e mesmo assim são um grupo menor no mercado de trabalho (Marinho *et al.*, 2022).

Contudo, a situação não é mais vantajosa para as enfermeiras negras, que, em sua maioria (37,1%), recebem entre 2 e 4 salários mínimos.

Além disso, muitas delas enfrentam condições de trabalho precárias e desemprego, evidenciando desafios substanciais no âmbito da profissão (Soares, 2023).

Portanto a enfermagem sempre foi historicamente associada ao trabalho feminino devido às suas origens. Essa conexão está intrinsecamente ligada às divisões de classe na sociedade, onde aqueles com acesso limitado à educação muitas vezes ocupam posições mais baixas, enfrentam cargas de trabalho mais pesadas e recebem salários menores, modelo que segue a segregação de trabalhos atribuído por Florence Nightingale (FCP, [2011]; Minority Nurse, [2015]).

Prontamente urge a necessidade de destacar que a maioria dos cargos de liderança na enfermagem são ocupados por homens brancos, enquanto indivíduos negros e mulheres frequentemente encontram-se em posições desfavorecidas. A discriminação, o preconceito e os estereótipos inibem as oportunidades para as enfermeiras desenvolverem habilidades, assim perpetuando a disparidade salarial entre homens e mulheres e resultam em tratamento desigual na força de trabalho da saúde entre mulheres e homens em todo o mundo (Cofen, 2019; Machado *et al.*, 2016).

Um estudo feito em 2016 nos EUA identificou como minoria étnica apenas 14% de membros negros nos conselhos dos 6.000 hospitais estudados, sendo 11% dos líderes executivos e 19% de gestores, por mais que seja notório que o negro desempenha um papel fundamental no avanço do conhecimento e na diminuição do preconceito e racismo enfrentados. Níveis que mostram que ainda há predominância do estereótipo eurocêntrico na contratação e escolha de candidatos para cargos elevados nos sistemas de saúde (Cofen, 2019; Iheduru-Anderson, 2020).

Isto posto, ser estereotipado como incapaz, sem aptidão, sem capacidade são insultos sofridos por enfermeiros negros por causa de sua origem, além de serem vistos como incompetentes para liderança e gestão. Essa tipificação hostil reflete preconceitos profundamente enraizados que impactam a progressão profissional e as oportunidades de

liderança para profissionais de enfermagem de origens diversas (Beard; Julion, 2016; Cofen, 2019).

É evidente que as estigmatizações enraizadas nas primeiras escolas de enfermagem persistem na atualidade, resultando em uma sub-representação de negros, indígenas e mulheres em cargos de liderança nessa área. Isso destaca a necessidade urgente de lutar pela igualdade de oportunidades e enfrentar o racismo e o preconceito dentro da profissão. Por isso, é preciso a inclusão e valorização das diversidades, etnias e de gêneros (FCP, [2011]).

Os negros, mesmo reprimidos, estiveram e estão presentes em guerras e cargos importantes e assumiram a responsabilidade de representarem a profissão e enfrentarem preconceitos e o racismo. Assim, o profissional de enfermagem, em especial os negros, tem ultrapassado barreiras. São alguns exemplos: Mary Jane Seacole, jamaicana que atuou na epidemia de cólera em seu país e ajudou os feridos na Guerra da Crimeia; Mary Eliza Mahoney, que foi a primeira negra a receber o registro de enfermagem nos EUA; Maria José Barroso, conhecida como “Maria soldado”, brasileira que prestou cuidados de enfermagem na Revolução de 1932; e Lillie Johnson, enfermeira canadense que fundou a Associação das Células Falciformes de Ontário (SCAO) em 1989, além de defender os direitos ao acesso à saúde das comunidades negras (Flynn, 2021; Santos *et al.*, 2023).

Sendo assim, a enfermagem e o profissional enfermeiro emergem como pilares fundamentais na assistência e na gerência de serviços de saúde em nível global, conforme evidenciado no relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS), “*State of the World’s Nursing 2020*”. Este reconhecimento reflete não apenas a importância intrínseca da enfermagem na concepção da assistência em saúde, mas também a sua contribuição essencial para a implementação de iniciativas de saúde mais eficazes em todo o mundo (WHO, 2020).

No contexto da Agenda 2030 das Nações Unidas para o desenvolvimento sustentável, a profissão de enfermagem assume um papel crucial no esforço global para atingir os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). A meta 10 dessa agenda,

que visa a redução das desigualdades, destaca-se como uma meta em que a enfermagem desempenha um papel central. Pois, a abordagem holística e compassiva dos profissionais de enfermagem não apenas responde às necessidades individuais dos profissionais, mas também da população assistida, abordando, assim, as disparidades de acesso e cuidado, contribuindo diretamente para a realização desse objetivo ambicioso (Evans-Agnew; Leclair; Sheppard, 2023).

Nessa conjuntura, a prática de enfermagem transcende fronteiras profissionais, geográficas e culturais, tornando-se uma força unificadora na busca por um mundo mais equitativo e saudável. Ao alinhar-se com os princípios da Agenda 2030, a profissão de enfermagem não apenas atende às demandas presentes da saúde global, mas também se posiciona como um catalisador para a transformação positiva, impulsionando o progresso em direção a um futuro sustentável e inclusivo (ONU Brasil, 2015).

Mas para que isso continue reverberando, a enfermagem precisa evoluir com a quebra de paradigmas contra o racismo estruturado historicamente na sua composição. Apenas será possível ajudar mais a população se transcender os seus próprios limites basilares de preconceitos preestabelecidos.

Mediante o tipo de estudo apresentado, faz-se importante destacar que as questões de reflexão propostas permanecem sob resultados de novas evidências, buscando-se por mais especificidades no que tange à redução das disparidades étnicas dentro da profissão, mesmo sendo historicamente arraigadas.

Considerações finais

Florence Nightingale é reconhecida como uma pioneira na enfermagem, e seus ensinamentos e práticas continuam a influenciar a profissão até hoje. No entanto, sua postura de racismo, evidenciada tanto em suas crenças colonialistas quanto em suas ações, como a rejeição de Mary Jane Seacole, uma enfermeira negra qualificada que foi recusada como voluntária na Guerra da Crimeia,

destaca um legado discriminatório. As primeiras escolas de enfermagem fundadas sob sua influência tinham pré-requisitos racistas para a admissão de estudantes, que deveriam ser “mulheres bem-vistas pela sociedade e brancas”. A herança de racismo e preconceito de Florence Nightingale repercute atualmente, refletida na sub-representação de negros no mercado de trabalho e na ocupação de posições menos valorizadas na enfermagem.

Uma vez que o objetivo do artigo foi refletir sobre a contribuição de Florence Nightingale, por meio de sua história, para o racismo na enfermagem, os dados obtidos demonstram que o racismo praticado por Florence Nightingale e suas ações ainda permeiam a enfermagem atualmente. Ao analisar o perfil da enfermagem mundial, percebe-se que, apesar dos negros se destacarem em diversas áreas, eles ainda ocupam posições desfavorecidas e exercem majoritariamente funções técnicas em muitos países. Em comparação com outras etnias, eles frequentemente recebem salários menores e enfrentam mais dificuldades para acessar cargos de maior qualificação e liderança.

Longe de saturar o tema, este estudo pretende fomentar questionamentos e discussões sobre o racismo, com o intuito de transgredir todas as formas de discriminação e preconceito vivenciados no contexto da enfermagem. Faz-se necessária uma reflexão crítica e contínua sobre essas questões, para que se possa progredir para uma enfermagem mais justa, contribuindo, assim, para uma enfermagem e uma sociedade mais democrática e equitativa.

Referências

- ARAUJO, D. C.; SILVA, P. V. B. Contribuições dos estudos críticos sobre relações étnico-raciais ao campo da educação. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 62, p. 317-333, jul. 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052020000500317&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 dez. 2024.
- BEARD, K. V.; JULION, W. A. Does race still matter in nursing? the narratives of African-American nursing faculty members. *Nursing Outlook*, New York, v. 64, n. 6, p. 583-596, Nov./Dec. 2016.
- BOSTRIDGE, M. *Florence Nightingale: the woman and her legend*. London, New York: Viking; 2008. 647 p.
- BRÊTAS, A. C. P. *As enfermeiras, o poder e a história: um estudo exploratório sobre mentalidades*. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.
- COFEN - CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. *Obstáculos relacionados ao gênero enfraquecem trabalho de enfermeiras*. Brasília, DF: Cofen, 2019. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/obstaculos-relacionados-ao-genero-fortalecem-potencial-de-enfermeiras-diz-pesquisa/>. Acesso em: 26 dez. 2023.
- COFEN - CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. *Resolução Cofen nº 747 de 01 de abril de 2024, revogada pela resolução Cofen nº 769/2024*. Atualiza o Manual de Procedimentos Administrativos para registro, cadastro e inscrição de profissionais. Brasília, DF: Cofen, 2024. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-747-de-01-de-abril-de-2024/>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- COSTA, R.; PADILHA, M. I.; AMANTE, L. N.; COSTA, E.; BOCK, L. F. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. *Texto & Contexto - Enfermagem*, Florianópolis, v. 18, n. 4, p. 661-669, out. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072009000400007>.
- D'ANTONIO, P. What do we do about Florence Nightingale? *Nursing Inquiry*, Carlton, v. 29, n. 1, Jan. 2022. Disponível: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/nin.12450>. Acesso: 26 set 2023.
- EVANS-AGNEW, R.; LECLAIR, J.; SHEPPARD, D. A. Just-relations and responsibility for planetary health: the global nurse agenda for climate justice. *Nursing Inquiry*, Carlton, v. 31, n. 1, p. e12563, May 2023. DOI: <https://doi.org/10.1111/nin.12563>.
- FCP - FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. *ONU preocupada com a população negra no mundo*. Brasília, DF: FCP, [2011]. Disponível: <https://www.palmars.gov.br/?p=17165>. Acesso em: 26 set. 2023.

FLORENCE Nightingale to her nurses. London: MacMillan and Co., 1914. p. 120.

FLYNN, K. They are more than research subjects: recognizing the accomplishments of black canadian nurses. *Nursing Clio*, [s. l.], Jan. 31, 2021. Disponível em: <https://nursingclio.org/2021/01/31/they-are-more-than-research-subjects-recognizing-the-accomplishments-of-black-canadian-nurses/>. Acesso em: 26 out. 2023.

FONSECA, A. L. T. *Mary Jane Seacole: a outra Florence Nightingale*. Rio de Janeiro Coren-RJ, 14 maio 2020. Disponível em: <https://www.coren-rj.org.br/mary-jane-seacole-a-outra-florence-nightingale/>. Acesso em: 26 set. 2023.

FREDERICKSON, G. M. *Racism: a short history*. Princeton: Princeton University Press, 2002.

GIBSON, E. Florence Nightingale was racist. *Medium*, [s. l.], Jun. 9, 2021. Disponível em: <https://emily-m-gibson.medium.com/florence-nightingale-was-racist-c1327f3d94dd>. Acesso em: 26 set. 2023.

HALLETT, C. E. Visões e revisões: o discernimento de Florence Nightingale. *Revista Baiana de Enfermagem* (RBE), Salvador, v. 35, p. e42139, 2021. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502021000100801&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 fev. 2023.

HINE, D. C. *Black women in white: racial conflict and cooperation in the nursing profession, 1890-1950*. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1989.

IHEDURU-ANDERSON, K. Barriers to career advancement in the nursing profession: perceptions of Black nurses in the United States. *Nursing Forum*, v. 55, issue. 4, Jul. 8, 2020.

MACHADO, M. H.; OLIVEIRA, E.; LEMOS, W.; LACERDA, W. F.; AGUIAR FILHO, W.; WERMELINGER, M.; VIEIRA, M.; SANTOS, M. R.; SOUZA JUNIOR, P. B.; JUSTINO, E.; BARBOSA, C. Mercado de trabalho da enfermagem: aspectos gerais. *Enfermagem em Foco*, Brasília, v. 7, p. 35-53, 2016. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/691/301>. Acesso em: 26 dez. 2023.

MARINHO, G. L.; OLIVEIRA, B. L. C. A.; CUNHA, C. L. F.; TAVARES, F. G.; PAZ, E. P. A. Nursing in Brazil: socioeconomic analysis with a focus on the racial composition. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 75, n. 2, p. e20201370, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1370>.

MEDEIROS, A. B. A.; ENDERS, B. C.; LIRA, A. L. B. C. Teoria Ambientalista de Florence Nightingale: uma análise crítica. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 518-524, 2015. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v19n3/1414-8145-ean-19-03-0518>. Acesso em: 22 jan. 2019.

MINORITY NURSE. *Nursing statistics*. [S. l.]: Springer Publishing, [2015]. Disponível: <https://minoritynurse.com/nursing-statistics/>. Acesso em: 2 jan. 2024.

MORAES FILHO, I. M.; TAVARES, G. G. Enfermagem atual e futura na promoção da saúde planetária: atuação para o desenvolvimento sustentável. *Texto & Contexto - Enfermagem*, São Paulo, v. 33, p. e20230415, 2024.

MORRIS, G. 10 facts about Florence Nightingale's influence on modern nursing. In: MORRIS, G. Florence Nightingale: her impact on nursing and colonialism. *Nurse Journal*, Georgia, Sept. 27, 2023. Disponível: <https://nursejournal.org/articles/facts-about-florence-nightingale/>. Acesso: 23 fev. 2023.

NICHOLS, L. S. HYDE, M. T.; MOSLEY, M.; HALLMAN, M. G. Connecting contemporary trauma care to Florence Nightingale's visionary work. *Creative Nursing*, United States, v. 29, n. 1, p. 147-156, Feb. 2023.

ONU BRASIL - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Brasília, DF: ONU, 2015.

ORWELL, G. *A revolução dos bichos*. São Paulo: Editora Globo, 1999.

PARANÁ. Ministério Público; Núcleo de Promoção da Igualdade Étnico-Racial. *Racismo*. Curitiba: MPPR: CAOP, [2024]. Disponível em: <https://site.mppr.mp.br/nupier/Pagina/Racismo>. Acesso em: 26 set. 2023.

- PRUDENTE, E. Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. *Jornal da USP*, São Paulo, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>. Acesso em: 24 dez. 2023.
- RANGEL, P. S. Apenas uma questão de cor? As teorias raciais dos séculos XIX e XX. *Simbiótica Revista Eletrônica*, Vitória, v. 2, n. 1, p. 12-21, 1 jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/10324>. Acesso em: 26 set. 2023.
- ROCHA, R. F. O Ministério da Saúde e o PNI: a cor da desigualdade: a política de saúde da população negra. *Casa de Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, 21 ago. 2023. Disponível em: <https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/2478-especial-o-ministerio-da-saude-e-o-pni-a-corda-desigualdade-a-politica-de-saude-integral-da-populacao-negra.html>. Acesso em: 26 out. 2023.
- SANTOS, V. J. O.; COSTA, J. G.; BRANDÃO, F. A. M.; SANTOS, O. P.; MORAES FILHO, I. M. A importância das mulheres negras na enfermagem do Brasil e do mundo. *REVISA*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 446-462, 2023. DOI: <https://doi.org/10.36239/revisa.v12.n3.p443a462>.
- SILVA, A. P.; FRADINHO, H.; MALTA, L.; SERRA, S.; AMORIM, T. Florence Nightingale, biografia e influência para a enfermagem. *Percursos*, Florianópolis, v. 2, n. esp., p. 4-6, 2007.
- SLEETH, P. Mary Seacole: disease and care of the wounded, from Jamaica to the Crimea. *Nursing Clio*, [s. l.] Mar. 22, 2018. Disponível em: <https://nursingclio.org/2018/03/22/mary-seacole-care-jamaica-to-the-crimea/>. Acesso em: 26 set. 2023.
- SMITH, K. Moving beyond Florence: why we need to decolonize nursing history. *Nursing Clio*, [s. l.], Feb. 4, 2021. Disponível em: <https://nursingclio.org/2021/02/04/moving-beyond-florence-why-we-need-to-decolonize-nursing-history/>. Acesso em: 26 jan. 2023.
- SOARES, F. *Florence Nightingale: história da enfermagem*. Brasília, DF: Biblioteca Virtual de Enfermagem - Cofen, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/florence-nightingale-historia-da-enfermagem/>. Acesso em: 26 set. 2023.
- SOARES, F. *Mulheres, curandeiras e enfermeiras na perspectiva de gênero e de raça*. Brasília, DF: Biblioteca Virtual de Enfermagem - Cofen, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/mulheres-curandeiras-enfermeiras-perspectiva-genero-raca/>. Acesso em: 26 dez. 2023.
- STAKE-DOUCET, N. The racist lady with the lamp. *Nursing Clio*, [s. l.], Nov. 5, 2020. Disponível em: <https://nursingclio.org/2020/11/05/the-racist-lady-with-the-lamp/>. Acesso em: 26 out. 2023.
- WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. *State of the world's nursing 2020: investing in education, jobs and leadership*. Geneva: WHO; 2020.

Recebido em: 19 nov. 2024

Aceito em: 22 jan. 2025

